

JOÃO BRAGA

Entrevistado por Maria Augusta Silva

Maio 1990

Nasceu em Alcântara. Canta do jeito que ele sabe. Privilegia a qualidade. Acaba de lançar mais um LP, a que deu o nome «Terra de Fados». Chama-se João Braga, para quem é urgente regressar ao sonho.

Canta o fado de olhos fechados e alma aberta. Solta-se-lhe a voz de um jeito sereno. Quente. Não gosta de gritos nem de se pôr em bicos dos pés. Continua tímido. Acredita na vida eterna. Também crê na reencarnação. Já chorou profundamente. Até de raiva e desespero. Assume-se como monárquico. E, para ele, não faz sentido a dicotomia esquerda-direita ou direita-esquerda. Falamos de João Braga, em Alcântara nascido. Falamos do intérprete de «Terra de Fados», para quem é urgente regressar ao sonho. Canta o fado como ele sabe. Com bom gosto. Com a força e a razão da qualidade.

As falas dele são diretas. Diz o que pensa e não pretende ser o que não é.

João Braga abandonou o curso de Direito, «porque a boémia me apontou outros caminhos». Quando optou por ele, julgara ser importante para o seu sentido de justiça. Depois reconheceu que também se podia defender a justiça por outras formas de intervenção. Não está arrependido de ter descoberto o fado e de ter aprendido a dar-lhe voz, deixando para trás os tempos do *rock*.

Continua, no entanto, a ser um admirador de toda a boa música, clássica ou moderna. Testemunha-o a sua discoteca numa sala onde o sol não precisa de pedir licença para entrar.

A sociedade consumista magoa-o. Acha que as pessoas podiam contrariar um pouco «o estado de materialismo desenfreado». Mas como? «Acabando com o espírito de mera competição material».

O futebol, por exemplo, já não tem, para João Braga, a beleza do «amor à camisola». Diz que «era um desporto, passou a espectáculo e transformou-se em negócio». E fala do futebol por ser o mais popularizado, adiantando que a luta pelos «cifrões» é terrível em todas as áreas. «Chega-se a avaliar as pessoas pelo dinheiro que têm. Tudo se volta para o que dá mais. Qualquer dia, se os padres começarem a ser bem remunerados, todo o mundo quer ir para sacerdote. É muito urgente regressar ao sonho».

O intérprete dos «Desencontros» de Fernando Pessoa entende que Portugal pode dar novos sonhos ao mundo, «navegando esse mar, tal como navegou tantos outros».

Visceralmente alérgico a gritarias, João Braga, corpo alto, cabelos brancos («sou do Sporting, já se vê!»), começou de pequeno a ter o «bichinho» musical. A música sacra, de que ainda hoje gosta, foi o seu primeiro amor.

Refere-se, entretanto, a muitos colegas com grande apreço. Amália tem um «cantinho especial» e acha que só deverá retirar-se se perder completamente a voz. Para João Braga, ela é a referência máxima. «Amália pode cantar, até, no Estádio da Luz, que sempre conseguirá a mesma intimidade com o público. Amália é um culto». Di-lo com verdade da mesma forma que aponta o nome de Rão Kyo como uma das maiores revelações do fado em saxofone. Da mesma forma que recorda a força de Zeca Afonso; da mesma forma que diz cantar-se por aí muita coisa sem qualificação. Há quem o considere um tanto rude na forma de dizer as coisas. João Braga que se conhece, obviamente, melhor do que ninguém, assegura o contrário: «Sou frontal, autêntico, e se às vezes pareço mais agressivo, é uma espécie de autodefesa, porque não pretendo agredir ninguém. Quando era miúdo e já tinha este corpanzil, é que não podia ver os mais fortes a bater nos mais fracos. Era ignóbil. Então, eram os próprios colegas a pedirem-me ajuda. E eu ia bater-me com os tais armados em

fortalhaços. Pelo menos, assim, sempre se confrontavam de igual para igual. Mas não era a agressividade pela agressividade. Era o tal sentido de justiça com que sempre sonhei.»

Homem conhecedor das lides jornalísticas (esteve e continua ligado a projetos neste domínio), João Braga foi, igualmente, um dos impulsionadores do Primeiro Festival de Jazz realizado em Portugal. É por natureza indisciplinado, mas dinâmico e pontual. Indisciplinado, «porque detesto estar sujeito a programações, a esquemas rígidos». Eis uma razão forte para ser, de uma maneira geral, o primeiro a cantar em qualquer espectáculo. «Não é por mais nada, pode dar-me uma na cabeça e perder a vontade de cantar à hora tal... E eu tenho de sentir desejo de cantar, demais o fado, que é uma coisa tão íntima».

Pai de dois rapazes (um de 15 outro de 17 anos), bons estudantes, praticantes de rãguebi, João Braga privilegia o diálogo com eles. «A partir dos cinco anos, comecei a explicar-lhes tudo o que conhecia da vida. Dou-lhes pistas. Mas serão eles a escolherem os seus caminhos».

Da geração de 60, a que pertence, o intérprete de tantos êxitos como o «Fado do Estudante» ou «Verdes Anos», o cantor de tantos poetas, desde os do século passado até Pessoa, António Botto, Pedro Homem de Mello, Amadeu do Vale e Manuel Alegre, não hesita em considerar que «a geração de 60 foi a grande cobaia do século XX».

O melhor público

João Braga já cantou para uma plateia de 20 mil pessoas, no Palácio de Cristal do Porto. Foi em 1985. Mas são conhecidas as suas preferências por salas mais pequenas, do género do S. Luís. «Até se torna mais fácil cantar para grandes plateias, só que eu prefiro um espaço mais íntimo, que não vá além das 800 ou mil pessoas. Este ambiente de intimidade é indispensável. E o público português é o melhor do mundo.»

Timidez?

«Continuo a ser tímido. Tenho as mesmas angústias e medos dos meus 15 anos».

Recordações da infância, são mais que muitas as de João Braga. Conta algumas, como se viajasse no tempo e fosse ao encontro da voz dos pássaros. Porque a vida dos pássaros habita em si, desde os sete anos. Morava ele num quarto andar da Estefânia, quando um passarinho lhe entrou no quarto com uma pata magoada. Tratou-lhe do ferimento e tornaram-se grandes amigos. Ensinou-o a esconder-se com receio de que os pais, disciplinadores, não aprovassem aquele relacionamento. O pássaro escondia-se quando devia e, pela manhã, João Braga abria-lhe a janela e lá ia ele, voando, voando para o azul. Certo dia, de inverno cerrado, a mãe surpreendeu o João no quarto, tremendo de frio, com a janela aberta de par em par, à espera que o seu amigo regressasse. A mãe perguntou-lhe por que tinha a janela aberta... «Que estupidez!...», disse. O João respondeu que devia estar com febre e sentia muito calor. Era isso. A mãe não fez mais reparo: preocupada, colocou-lhe o termómetro. Mas qual quê, aquilo nem chegava aos 37 graus! O pior era o passarinho, se fechasse a janela. Por artes mirabolantes, conseguiu manter a janela aberta e o pássaro voltou à tardinha, sem a mãe dar conta. «Foi uma alegria quando o vi aproximar-se. Disse-lhe para se esconder, como sempre. Um outro dia de manhã, ia ter com ele para lhe abrir a janela, e não havia meio de aparecer. Virei tudo de pantanas. O meu amigo estava morto atrás de um móvel. Devia ter sido a empregada, sem querer (porque nem sabia da existência dele), que, ao empurrar o móvel para as limpezas, o esmagou. Quanto sofri! Chorei tanto, tanto, tanto! E foi desde aí que nasceu a minha profunda ligação a Amália Rodrigues. Estava ela a cantar na rádio, por sinal um trecho espanhol, mas com muito sentimento, como ela põe em todas as suas interpretações. Então é que eu chorei a bom chorar!»

As palavras sabem a pouco quando se ouvem coisas destas. João Braga conta, depois, que foi aluno de vintes, mas não era estudioso. Tinha, sim, uma memória espantosa. Fixava tudo com facilidade. E lia horas a fio, livros, jornais, revistas. O *Diário de Notícias* foi o seu primeiro jornal. «Aprendi muito, lendo-o. Devorava as palavras, desde a primeira à última página. Até os anúncios lia. E ainda hoje mantenho esse hábito de leitura. Compro quase todos os jornais e os livros fazem parte de mim.» Querem saber como João Braga ganhava caixas de chocolate na escola? «As aulas de estudo, depois do almoço, eram um martírio!

Então, defendia-me sem perturbar ninguém. Como sempre gostei muito de desporto e de estatísticas, organizava corridas de bicicleta nos próprios textos que tinha à minha frente. Marcava as etapas, fazia avançar os ciclistas, era uma maravilha! Os professores viam-me muito atento, parecia que estava a dividir as orações, e vá de me darem o prémio, que era uma caixa de chocolates. Ganhava-as todas!»

Homem de esperança, hipersensível (chego a ter a perceção da mudança de tempo e de tremores de terra), nasceu-lhe o primeiro cabelo branco aos 15 anos. A maior esperança que tem é a de que «a morte seja a melhor coisa da vida na ocasião devida». Acredita em todas as religiões. Na vida eterna e na reencarnação. Se reincarnasse e pudesse escolher, gostaria de ser o clínico José Mello e Castro, a Amália ou o Eusébio. Chorar? Já chorou muitas vezes. Por dor. Até por desespero e raiva. Ele, que é poeta, também, e não sabe se algum dia revelará a sua poesia. Ele que coloca o poema acima de tudo, quando canta, e tem por princípio a qualidade. «Porque a poesia dá-nos o sonho e a diferença está na qualidade das coisas». João Braga é sentimentalmente assim: Um homem que abomina a inveja, que conhece a desilusão de uma amizade e a sentiu «como se me tivesse morrido um irmão». Diz isto e os olhos grandes de um rosto quase redondo recolhem-se, evitando a lágrima. Diz isto e dispõe-se, quando morrer, a doar qualquer órgão do seu corpo em benefício do seu semelhante.